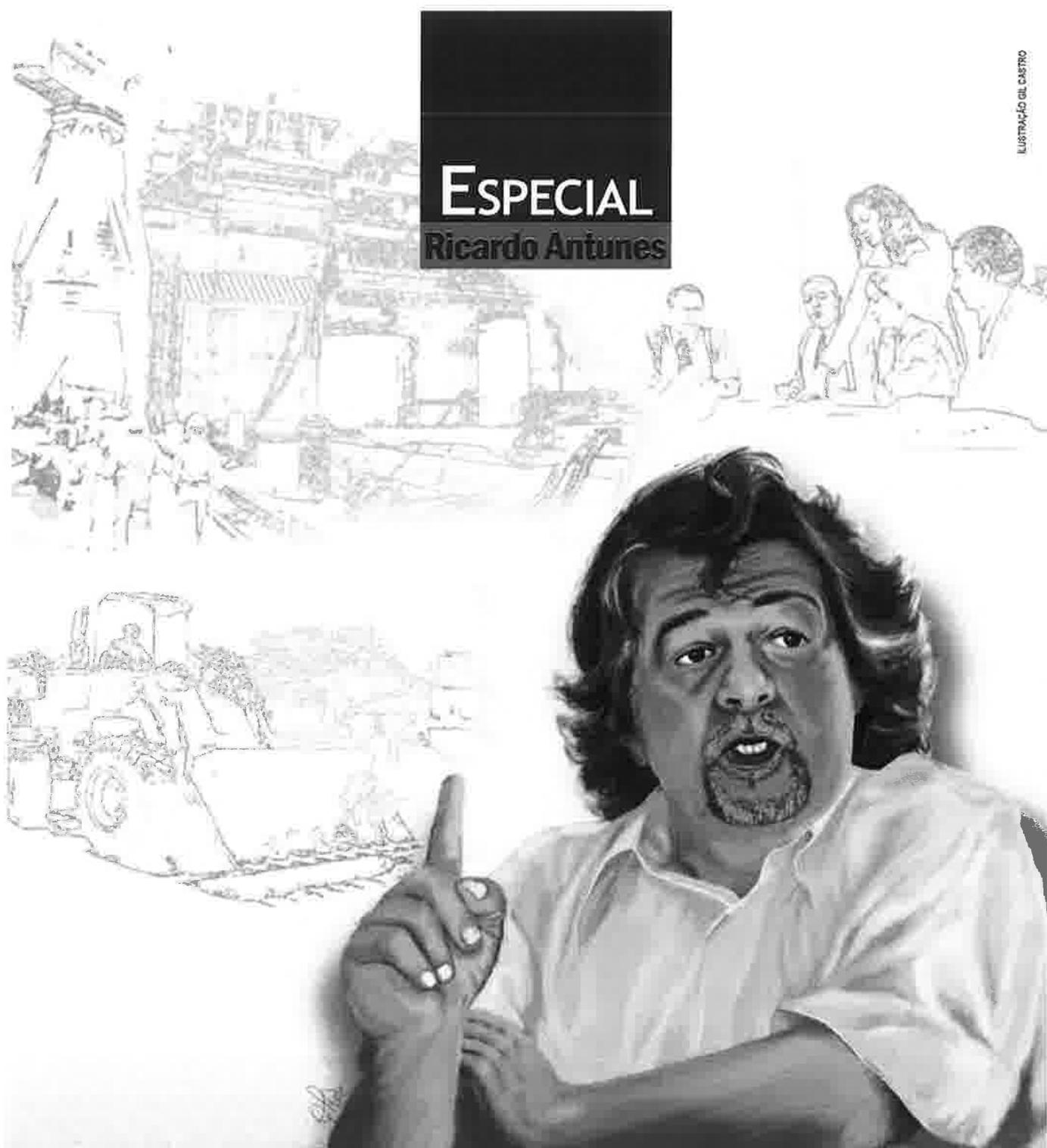


ESPECIAL

Ricardo Antunes



O sociólogo e professor da Unicamp, Ricardo Antunes, faz um mergulho no mundo do trabalho. Antunes desenha o trágico cenário do “caráter destrutivo” da sociedade atual e diz que o capitalismo hoje não tem condições de absorver, em escala global, a totalidade da população economicamente ativa. Resultado da equação: um exército cada vez maior de trabalhadores descartáveis



ESPECIAL

Adeus ao trabalho?

Hoje, a engenharia produtiva do capital combina a redução ao máximo da força de trabalho com a exploração intensiva dos que permanecem no mercado

Luiz Carlos Maranhão
De Campinas

Surpreendente número de suicídios alcançou o povoado católico numa cidade do interior do Nordeste. Corria o ano de 1960 e a tragédia estava em curso. A fábrica têxtil que dava vida ao lugar acabara de fechar depois da explosão da caldeira, que deixou no chão corpos dilacerados de três operários. Os suicidas eram trabalhadores que, de forma instantânea, se viram diante do nada. De repente, centenas de operários não tinham como honrar suas contas, prover suas famílias. Perderam o seu lugar social. A quebradeira de quitandas e mercearias foi imediata, lojinhas cerraram as portas, a pequena economia foi para o brejo e o orgulho do bairro acabou. Não havia mais fábrica. Não havia mais trabalho.

Numa acanhada sala do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (Universidade de Campinas), o sociólogo e professor Ricardo Antunes acompanha a história com atenção. Antunes é

um dos mais importantes pensadores brasileiros sobre o mundo do trabalho. A convite do sociólogo húngaro István Mészáros, realizou pesquisa na Universidade de Sussex. Antunes lança mão do exemplo de infortúnio daqueles trabalhadores no microcosmo nordestino na década de 1960 para fazer uma ponte com a situação atual. “Eu estava lendo sobre a Toyota City, a cidade da Toyota no Japão. Uma cidade que nasceu no apogeu da Toyota, no pós-Segunda Guerra e que foi um pouco responsável por aquilo que nos anos 1970 e 1980 assombrou o mundo capitalista como o milagre japonês.”

O professor continua o seu relato. “Pois bem: no pós-Segunda Guerra, a cidade da Toyota se espelhava na Detroit. Olha a ironia ou a tragédia da história, a Toyota City está realizando o seu sonho.” Antunes afirma que a cidade da Toyota hoje no Japão vive o espectro da Detroit norte-americana. “A Detroit que desde os anos 1970 viu um brutal encolhimento do sistema automobilístico, viveu um processo de retração monumental e se tornou uma cidade destróçada”, compara. O professor continua. “Fechamentos de fábricas ocorreram no início do século XX, atravessaram o século e estão se repetindo hoje, num contexto ainda que diferenciado”, observa.

O professor aborda casos de relações diretas entre cidades e indústrias que abrigam. Lembra a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). A empresa não fechou mais a dinâmica econômica que ganhou depois da privatização enfraqueceu profundamente o papel que exercia na cidade de Volta Redonda (interior do Estado do Rio de Janeiro), hoje em processo de degradação social. E cita casos análogos de cidades que surgi-

ram em função de suas indústrias, como Votorantin e Matarazzo, no interior paulista.

No caso dos suicídios, Ricardo Antunes não se surpreende. O professor revela que é uma das formas de morte até hoje intensa no Japão. “É o chamado *karoshi*, a morte que decorre do estressamento do trabalho. Isto atinge inclusive gestores, às vezes até os proprietários de empresas.” O sociólogo explica. “Por exemplo: a empresa está num processo de crise, processo falimentar. O trabalhador se culpabiliza por essa falência. Um gestor, um administrador começa um processo de trabalhar na empresa diuturnamente. No décimo segundo dia ele morre porque ele não para de trabalhar.” Segundo Ricardo Antunes, só em 1999 a Justiça japonesa considerou o fato como uma morte que decorre do processo de intensidade

da exploração do trabalho. “Antes, era algo assumido como algo cultural, da história de uma sociedade que valoriza o trabalho.”

Pária sem trabalho

Antunes retorna ao ponto inicial da conversa. “Então vivemos numa sociedade onde é valorizado quem trabalha; quem não trabalha é pária.” O professor explica que sobre este ser que trabalha incide uma série de valores. “Eu trabalho no Banco do Brasil”, “eu sou professor”, “eu trabalho numa transnacional”. “Agora você imagina numa cidade pequena ou numa cidade que depende de uma fábrica, onde todos de algum modo sonham ou sonhavam em tomar parte”, indaga. O professor disse que procurou mostrar nos livros que tem escrito sobre o mundo do



trabalho o esgarçamento das relações dos trabalhadores e as empresas. "Me referi, e com muita felicidade, ao que o Richard Sennet (1) chamou de (também título de seu livro) "Corrosão do Caráter". No livro Sennet aborda a perda da estabilidade. "Você não sabe se vai trabalhar mais amanhã, quer dizer, o trabalho que era um valor começa a desmoronar."

A Riqueza e a Miséria do Trabalho no Brasil é o nome do grupo de pesquisa que Ricardo Antunes lidera na Unicamp. O grupo investigou o caso do Banco do Brasil, quando a instituição lançou o seu PDV (Programa de Demissão Voluntária), que empurrou parcela importante dos trabalhadores do banco para a demissão. Antunes comenta: "Foi um processo de certo modo criminoso, porque um dos primeiros documentos

que incentivavam o PDV dizia 'você foi escolhido para ser um dos que poderão decidir pelo plano de demissão voluntária com vantagens'. Quer dizer, você foi escolhido para ser candidato ao desemprego. E o número de suicídios no BB foi muito grande, porque o indivíduo imagina que tem 25 anos, onde ele cultuou esse ideário do labor e do status, do 'eu sou do Banco do Brasil', não sou um frentista do posto da esquina. E de repente o BB diz você é um supérfluo, você é um indivíduo desnecessário", raciocina.

Esse exemplo, segundo Ricardo Antunes, revela caráter destrutivo da sociedade atual. Segundo ele, o capitalismo, em escala global, hoje não tem condições de assimilar 4 bilhões de pessoas que formam a população economicamente ativa no mundo. "Resultado, uma

parte imensa dessa é população é supérflua e descartável." Antunes conclui: "Então veja, aquela ideia do culto do trabalho com estabilidade, com a certeza de trabalhar 20, 30 anos pra depois ter aposentadoria, torcer para que os filhos seguissem essa carreira e o reconhecimento sociocultural valorativo da cidade, isto acabou." O sociólogo diz que hoje é a guerra por qualquer trabalho. É o que mostra filmes como *O Corte*, de Costa Gravas, e *El Método*, de Marcelo Piñero.

Ricardo Antunes afirma que a realidade de hoje é a existência de uma engenharia produtiva do capital que combina a redução ao máximo da força de trabalho, com a exploração intensiva dos que permanecem no mercado. "Quer no plano microcômico das empresas, seja ela um fábrica, um banco, uma escola, um jornal, um hospital, é isso que acontece", diz. "É a redução ao máximo do número de trabalhadores e trabalhadoras, a sua intensificação ao máximo de quem fica no trabalho, seja essa intensificação manual e/ou intelectual, porque tem toda a dimensão da expropriação do intelecto do trabalho", acrescenta. O sociólogo reforça o argumento. "Por um lado, digamos assim, a redução do máximo de trabalhadores. Por outro, a intensificação e a polivalência. Antigamente era um trabalhador e uma máquina, hoje é um trabalhador em equipe com várias máquinas, porque tem que fazer um pouco de tudo. E do outro lado um maquinário técnico-científico, informacional e digital altamente qualificado que potencializa à enésima vez o coágulo de trabalho que fica. Então você desemprega intensamente, explora intensamente e potencializa intensamente. O resultado é essa sociedade", diz.



CHAPLIN, em *Tempos Modernos*, filme de 1936. Ao lado, linha de montagem de uma fábrica da Fiat, em Turim, Itália. O ano era 1939 e o modelo fordista imperava

O despotismo sutil

O modelo fordista, hegemônico no século XX, ficou para trás. A era, agora, é das empresas liofilizadas. A apropriação do trabalho ganhou nova dimensão

As mudanças na forma como se organiza o trabalho nas empresas é um dos temas mais frequentes nas investigações de Ricardo Antunes. Pega-se uma empresa multinacional que produz alumínio. São cerca de 8 mil empregados que não enfrentam a vigilância do capataz. Pelo contrário: participam de conselhos de produção e se sentem ativos formuladores de soluções para aumentar a produtividade. Não são sindicalizados e seguem regras estritas, mas apresentadas de forma que não sugira coerção. A empresa é sugerida como uma família sem antagonismos. Não são chamados de trabalhadores. São parceiros em busca de metas comuns. A empresa está presente também nos fins de semana. Os operários e suas famílias são chamadas a trabalhos voluntários. E todos se sentem no melhor do mundo. Até a explosão da crise recente, quando 3 mil “parceiros” foram sumariamente demitidos, era impossível se observar tensão no ambiente. Veja o que diz Ricardo Antunes.

“A primeira coisa importante é que a empresa do passado, a empresa do século XX, seja uma indústria automotiva, banco, companhia na área do comércio, o que fosse, com todas as suas particularidades, ela tinha um molde taylorista-fordista. E o que é isso: empresa de massa concentrada, verticalizada, muito hierarquizada. O Taylor foi o primeiro grande administrador científico. Pensou como engenheiro, pensou numa administração científica. São os que pensam, os gestores, e os que operam. Por isso que ele dizia que o trabalhador tem que ser como gorilas amestrados. Ou seja, tem que ser forte, viril e amestrado, porque tem que ser dócil. Esse modelo de empresa Marx mostrou, antecipando-a no *Capital*, no capítulo sobre a grande indústria. Ele dizia: “Para que você pudesse ter uma massa de trabalhadores aqui na base da empresa e os gestores nos níveis de direção, você teria que ter uma camada intermediária dos déspotas que vigiavam ou que faziam o controle do trabalho” (nesse momento Antunes cita dois filmes como sugestão: *Tempos modernos*, de Chaplin, e *Classe operária vai ao paraíso*, do italiano Elio Petri).

Com a crise iniciada em 1973, as empresas se tornaram flexíveis, liofilizadas, que é um termo da química. Liofilizar quer dizer que,

numa temperatura baixa e constante, você elimina substâncias vivas. Na nova empresa é assim. E quais são as substâncias vivas da empresa? O trabalho vivo, vamos abolir, você vai queimando. A Volkswagen chegou a ter 44 mil operários no Brasil e hoje tem 15 mil, pouco mais, pouco menos. Chegamos a ter quase um milhão de bancários, a classe hoje tem menos de 500 mil, 400 e poucos mil. Nasceu então uma empresa nova, a empresa flexível, a empresa enxuta, liofilizada, onde os trabalhadores estão em equipe, eles trabalham de forma polivalente e multifuncional. Eles competem violentamente entre si, e ao mesmo tempo em que o trabalho é coletivo, há um monumental processo de individualização dos trabalhadores. De separar o público. A empresa esgarça as condições de trabalho dentro, mas ao mesmo tempo se mostra como uma empresa participativa, ao contrário do taylorismo e do fordismo.

Quando você ia almoçar numa fábrica no passado, 25 anos atrás, tinha o restaurante do peão e o restaurante do gestor. Nenhuma empresa mais faz isso. Agora é tudo igual. Porque a ideia é de que na fábrica são todos iguais. É um pouco a ideia do pan-ótico do Bentham*, mas é um pouco diferente. Ele não é mais em círculo, não. Hoje todos estão vigiando todos. Não

tem mais as divisórias, caíram. Essa empresa moderna desmoronou a noção de trabalho com estabilidade, desmoronou a ideia do trabalho com uma certa longevidade, desmoronou a ideia de que amanhã você vai estar trabalhando lá. Então tem que, para compensar esse desmoronar, oferecer um conjunto de elementos, como essa ideia de que lá é melhor, de que lá você fica, de que você é individualizado, de que se você fizer a coisa direito, você cresce. Porque a empresa é você. Nenhuma empresa mais chama os trabalhadores de trabalhadores. São colaboradores, são parceiros, são consultores.

E nessa empresa moderna, ainda que ela seja despótica, não é o despotismo taylor-fordista. Você não trabalha com o capataz dizendo assim: você fez 99, mas tinha que ter feito 120. A empresa introjeta a tarefa no trabalhador. Inclui a profissão do inspetor de qualidade é uma profissão que desapareceu. Na empresa taylor-fordista todo o produto era terminado, depois ia para o inspetor, que dizia tá bom ou não tá. Se não estivesse, voltava. Muitas vezes os trabalhadores faziam sua rebeldia produzindo errado, para depois, no final, chegar lá e era constatado que o carro estava com defeito e tinha que ser desmontado. Era o movimento, e houve muitos movimentos no Brasil nos anos 1970/80, esculhambando a produção, operação-tartaruga, operação-boicote, muitos, muitos. Isso não é mais possível. E a resistência se dá de outra maneira. ”

**DESCARTÁVEIS.
Manifestação de
trabalhadores (inclusive
estrangeiros) temporários
em janeiro deste ano no
centro de Tóquio**



O arquiteto, a colmeia e o formigueiro

Ricardo Antunes se detém sobre o conceito marxista de alienação do trabalho. “Aos 26 anos, em 1844, nos *Manuscritos econômicos-filosóficos*, Marx, pela primeira vez, elabora a noção de alienação do trabalho. “Há elementos constitutivos da alienação. O ser que trabalha se aliena ou se estranha em relação ao produto do seu trabalho, que não é dele. Então eu trabalho, e quando a coisa tá prontinha, ele me escapa porque ele vai para o mercado”, raciocina. “Se o trabalhador ou a trabalhadora se encontram alienados em relação ao produto do seu trabalho, isto significa que ele se encontra alienado em seu próprio processo de trabalho.” Ele já é um ser estranho no seu ato de trabalhar. Não é o trabalho que é desenvolvido plenamente. O fetiche da mercadoria, a perda do produto que ele produziu está presente, porque muitas vezes o

trabalhador não sabe nem o que está produzindo”, observa.

O professor aborda outro aspecto que, de acordo com Marx, caracteriza a alienação. “Um ser estranho em relação ao seu ato produtivo é um ser que se estranha em relação a sua própria individualidade”, afirma. “Por isso que o Marx disse que se os trabalhadores pudessem, fugiriam do trabalho. Estava falando do trabalho fabril, mas isso pode ser transcendido e ampliado”, acrescenta. “Se ele não se vê como parte de um indivíduo que se efetiva no trabalho, o Marx vai dizer: no trabalho nós nos sentimos como os animais. E nas nossas funções aparentemente ‘animais’, comer, beber, procriar, são funções que os animais também fazem. Nós não nos diferenciamos dos animais porque comemos, porque bebemos ou porque procriamos. Nós

somos diferentes dos animais no ato laborativo”, destaca.

Antunes dá o exemplo da colmeia e do formigueiro. A colmeia que a abelha fez ou o formigueiro que a formiga faz, há milênios é a mesma”, diz. “O trabalho humano não, o indivíduo cria cada vez formas mais complexas. Nós perguntamos no que trabalhar, o que fazer, pra que fazer e como fazer. A abelha não pergunta. Então nosso trabalho, Marx vai dizer, é genuinamente humano”, diz. “O único ser que pergunta o que vai fazer é o homem, por isso no *Capital* aquela famosa passagem: o que diferencia o pior arquiteto da melhor abelha é que o arquiteto pergunta e a abelha não. O arquiteto”, lembra Antunes, “faz projetos antes de construir. As abelhas não.”

O professor conclui: “No ato de trabalho alienado esta dimensão de individualidade, de criação, de-



OPERADORES de telemarketing submetidos a rotina estafante. Ao lado, operário da Daihatsu Moto, uma das fornecedoras da Toyota. O Japão tenta sair da sua pior recessão desde a Segunda Guerra (1939/1945)

saparece, porque nós somos quase como que a abelha laborando a sua colmeia, a formiga fazendo seu formigueiro. Nós não estamos pensando muito no que estamos fazendo. Então, diz o Marx, ao invés de o trabalho ser um elemento de efetivação da condição humana, é um elemento de desefetivação. Ao invés de ser um momento do processo complexo e rico, um processo de humanização do ser social, é um processo de desumanização do trabalho.”

Déspota de si mesmo

Trazendo a reflexão para a sociedade contemporânea, Ricardo Antunes afirma que a alienação do trabalho hoje é mais intensa quando a figura do déspota é eliminada ou diminuída, suavizada. “O trabalhador se torna déspota de si próprio porque o déspota é interiorizado nele. Então é uma alienação mais complexa, é um nível mais profundo de reificação, é um nível mais profundo do coisifi-

cação ou de fetiche que consequentemente obriga os trabalhadores a buscarem formas de resistência que vão desde dizer: eu não quero meu filho aqui; ou então o operador do telemarketing falar: “se eu soubesse que era isso aqui”, eu não vinha. Só que agora eu não posso sair daqui. E por que eu não posso sair: porque onde eu vou trabalhar se eu sair do telemarketing? Eu estudo, eu faço isso, faço aquilo, tenho uma jornada de seis horas.”



YOSHIMATSU TSUKUJAPP

Trabalhar...

O sociólogo da Unicamp afirma que a sociedade que conformou o mundo moderno, o mundo burguês, é a sociedade do trabalho. “Essa sociedade burguesa que nos moldou segundo o padrão de que viver plenamente no mundo significa trabalhar, trabalhar, trabalhar, já é uma unilateralização brutal do trabalho”, ele diz. Nos livros *Adeus ao Trabalho*, (publicado em 1995, já 13ª edição e que inspirou o título principal desta reportagem), *O caracol e sua concha* e *Os sentidos do trabalho*, Ricardo Antunes tem procurado mostrar a dialética do trabalho desde os gregos até Karl Marx.

O professor expõe: “O trabalho ata o indivíduo à condição de ser útil. O primeiro indivíduo na humanidade trabalhava pra suprir seus meios necessários de sobrevivência. Isto é uma atividade vital, como Marx define nos *Escritos de 44*, e uma atividade vital é uma atividade imprescindível. Não é a única atividade. Seria um inferno se a vida humana se resumisse ao trabalho. Mas o trabalho permite se estabelecer relações sociais com outros indivíduos, formando o coletivo e a sociabilidade.”

O livro *Adeus ao Trabalho*, de Ricardo Antunes, que inspirou o título desta reportagem, foi lançado em 1995, publicado pela Cortez. A obra continua em 13ª edição e já foi traduzida em várias línguas.